



**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E ADMINISTRAÇÃO**

**EDUARDO REIS MENDANHA LEITE**

**EXPLORANDO AS TENDÊNCIAS DE CONSUMO DE CARNE: UMA**  
**ANÁLISE ABRANGENTE DAS DINÂMICAS NO BRASIL E GLOBALMENTE**

**GOIÂNIA**

**2024**

EDUARDO REIS MENDANHA LEITE

**EXPLORANDO AS TENDÊNCIAS DE CONSUMO DE CARNE: UMA  
ANÁLISE ABRANGENTE DAS DINÂMICAS NO BRASIL E GLOBALMENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Administração da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: ME. Celso Orlando Rosa

Banca: ME. Eugênio de Brito Jardim

Banca: ME. Maria Aparecida Vaz Evangelista

GOIÂNIA

2024

## RESUMO

O artigo aborda o consumo de carne no Brasil e no mundo, investigando suas dinâmicas econômicas, sociais, culturais e ambientais. Destaca-se o crescimento significativo do consumo de carne no Brasil nas últimas décadas, influenciado por mudanças na estrutura de produção e fatores socioculturais. Além disso, analisa-se o papel da pecuária na economia brasileira, as tendências de consumo de carne bovina, suína e de frango, e a emergência de alternativas de carne vegetal. O estudo também examina a distribuição geográfica da produção de carne no mundo e suas implicações geopolíticas, bem como o consumo de outras carnes, como a de caprinos e ovinos. Conclui-se que o consumo de carne é um tema complexo e multifacetado, exigindo uma abordagem holística para promover o desenvolvimento sustentável do setor.

**Palavras-chave:** Consumo de Carne. Pecuária. Mercado doméstico e global de carnes.

## ABSTRACT

The article discusses meat consumption in Brazil and worldwide, investigating its economic, social, cultural, and environmental dynamics. It highlights the significant growth of meat consumption in Brazil in recent decades, influenced by changes in production structure and sociocultural factors. Additionally, it analyzes the role of livestock in the Brazilian economy, trends in beef, pork, and poultry consumption, and the emergence of plant-based meat alternatives. The study also examines the geographical distribution of meat production worldwide and its geopolitical implications, as well as the consumption of other meats such as goat and sheep. It is concluded that meat consumption is a complex and multifaceted issue, requiring a holistic approach to promote sustainable development in the sector.

**Keywords:** Meat Consumption. Livestock. Brazilian and global meat market.

## **1. INTRODUÇÃO**

O consumo de carne no Brasil, influenciado por valores socioculturais e nutricionais, tem apresentado um significativo aumento nas últimas décadas, passando de 27kg para 97kg per capita anualmente em pouco mais de 40 anos. Este crescimento é atribuído a mudanças na estrutura de produção, que levaram à redução dos preços de carne e, conseqüentemente, ao aumento do consumo entre a população brasileira. O valor simbólico da carne no Brasil tem raízes históricas, antecedendo os elogios nutricionais que recebeu na década de 1930, tornando-se um elemento chave na cultura alimentar do país.

Diante deste cenário, o presente artigo realiza uma revisão bibliográfica com o objetivo de investigar tanto o consumo per capita de carnes processadas quanto o impacto ambiental associado no Brasil e no mundo, focando em como a cultura alimentar, o mercado interno, e fatores como a pecuária e o mercado externo moldam os padrões de consumo. Desta forma, pretende-se explorar desde as tendências atuais deste mercado até os desafios futuros para o consumo de carne, incluindo questões relativas à saúde pública e à pegada de carbono ligada ao consumo de carne bovina, de porco, de frango e outras carnes animais.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. OBJETIVO GERAL**

O presente estudo tem como objetivo geral analisar as dinâmicas do consumo de carne no contexto brasileiro e mundial, considerando suas implicações econômicas, sociais, culturais e ambientais.

### **2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Investigar o papel da pecuária na economia brasileira com foco na contribuição para o Produto Interno Bruto (PIB) e geração de empregos;
- Analisar as tendências de consumo de carne bovina, suína e de frango no mercado interno brasileiro e nos países , Estados Unidos, China, Índia, considerando dados históricos e projeções futuras.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pecuária se configura como um elemento de inquestionável relevância no cenário brasileiro, exercendo uma influência marcante nos domínios econômicos do país. Há destaque para o papel que desempenha no Produto Interno Bruto (PIB), contribuindo significativamente para a estabilidade econômica e para a geração de empregos em diversas regiões. Uma breve análise de dados joga luz sobre esse fato: enquanto, durante o ano de 2020, o PIB do Brasil apresentou uma queda de 4,1% em relação ao ano anterior, o PIB da Pecuária aumentou de 8,4% para 10% a sua representatividade no PIB total do país (Malafaia *et al.*, 2021).

A produção e exportação de carne bovina, por exemplo, não só alimentam a demanda interna, mas também consolidam o Brasil como um protagonista global no mercado de proteínas animais. É pertinente salientar, nesse sentido, que, nas últimas décadas, houve, em nível mundial, um crescimento sem precedentes no consumo de carnes. Pedro Abel Vieira *et al.* (2021) salientam que tal crescimento, para além das dinâmicas culturais, é resultado do crescimento de renda de países como a China. Os autores ainda apontam que, a despeito de certa indisposição para o consumo de carne que é observada em consumidores de renda média de países de renda média e alta, é esperada a continuidade do crescimento da demanda de países asiáticos e, conseqüentemente, do aumento de produção nas Américas, afetando assim, diretamente, a produção brasileira. Indicam, também, a previsão de uma migração de produção e consumo para a África, embora enfatizem que esse movimento será realizado de maneira lenta.

Em 2020, a exportação representou 26% da produção brasileira deste setor, com 2,7 milhões de toneladas equivalente carcaça. Neto e Costa Jr. (2023) salientam, em uma análise do mercado doméstico que, em 2023, o consumidor brasileiro terá à sua disposição até o fim do ano, 51,2kg de carne de frango e 18,2kg de carne suína. Ao passo que, a disponibilização de carne bovina será um dos menores valores estimados, 25,9Kg. Esse dado segue uma tendência, em 2020, o número de abates de bovinos diminuiu 8,5%, em comparação ao ano anterior, 2019, com 29,7 milhões de cabeças. Se aponta nesse período uma redução de consumo interno de carne bovina de 9,8%. Faz-se relevante se atentar para a possível relação entre essa queda no consumo e a recessão econômica seguida da crise resultante da síndrome de covid-19.

Tabela 1 - Consumo mundial de carne bovina, em mil toneladas em equivalente carcaça.

Ano	Mundo	EUA	Brasil	UE	China	Índia
2010	55.615	12.026	7.630	8.237	6.274	2.243
2011	54.451	11.641	7.761	8.101	6.073	2.048
2012	54.891	11.736	7.882	7.798	6.190	2.082
2013	55.557	11.608	7.933	7.545	6.473	2.087
2014	55.299	11.241	7.951	7.544	6.491	1.978
2015	55.548	11.275	7.824	7.781	6.754	2.326
2016	56.234	11.676	7.695	7.940	6.873	2.461
2017	57.153	12.052	7.801	7.884	7.236	2.444
2018	58.615	12.181	7.925	8.071	7.808	2.729
2019	59.466	12.408	7.929	7.889	8.826	2.776
2020	59.068	12.519	7.609	7.745	9.486	2.476
2021	60.040	12.520	7.735	7.695	10.08	2.625

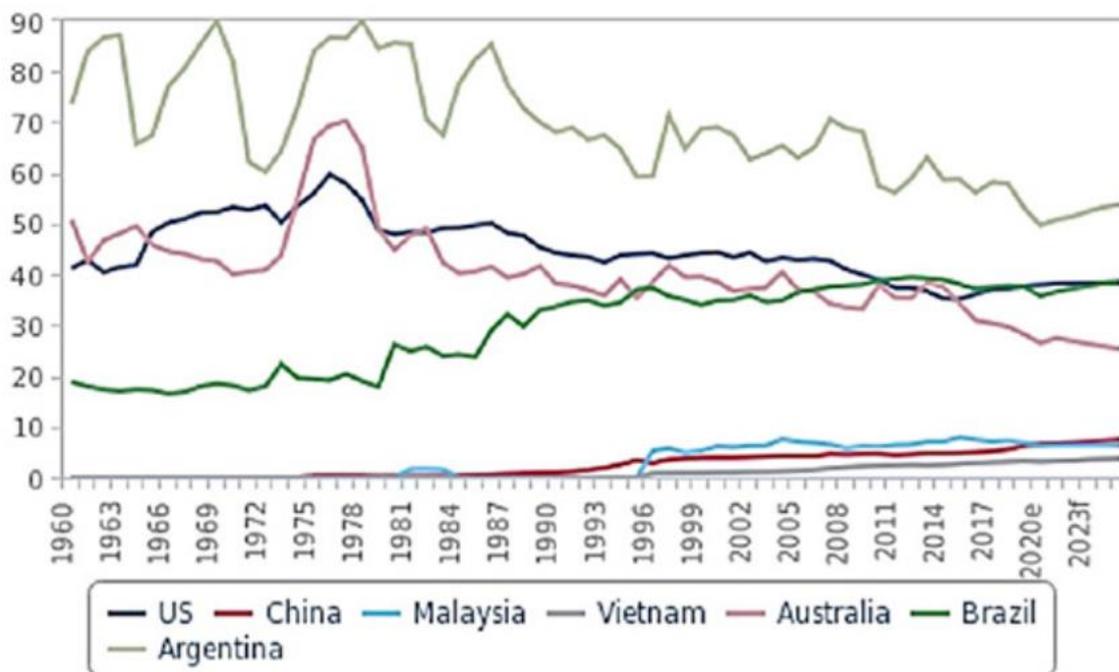
Fonte - Malafaia et al. (2021).

Para entender as variações de consumo e, conseqüentemente de produção, é pertinente a noção de que o mercado de carnes, seja ele global ou doméstico, não se molda apenas como resultado da relação entre oferta e demanda, assim como o consumo de carne não se dá estritamente como a resposta a uma necessidade fisiológica. Características regionais, hábitos, rituais comunitários e familiares influem em sua estruturação (Estima *et al.*, 2009). Nessas relações, implicam-se fortemente a produção de desejos, como componentes sociais e culturais, impulsionados por políticas públicas, além de questões que envolvem a geopolítica internacional, ou seja, a relação de afinidade econômico-comercial em contextos de disputas, poder e alianças entre nações:

Para exemplificar as dinâmicas do consumo de carne, Vieira *et al.* (2021) apontam a relação entre o aumento da renda e a preferência alimentar. Segundo os autores, o consumo por alimentos de origem animal atinge o índice de 100% acima da média em países cuja renda per capita está em torno de USD 30 mil, quando em comparação a outros cuja média varia entre USD 4 mil e USD 20 mil. Entretanto, o autor pondera a importância

dos fatores culturais, apontando que em países como o Brasil, a Argentina e China, cuja renda per capita se encontra abaixo dos USD 20 mil, há uma forte preferência por carne.

Figura 1 - Consumo de carne bovina per capita médio em kg.



Fonte - Malafaia et al. (2021) a partir de dados da Fitch Solution.

Países como Brasil e China, que apresentaram considerável crescimento econômico, também experimentaram um forte aumento no consumo de carne.

Malafaia *et al* (2021) aponta que os consumidores do mercado internacional estão cada vez mais exigentes, de modo que a competição se dará em torno de padrões comerciais muito rígidos, sendo eles:

- Diferenças de consumo determinadas pelo nível médio de renda e por elementos geoculturais;
- Política comercial: tarifas, subsídios, acordos, negociações, políticas de proteção do mercado interno e ações de promoção a terceiros mercados;
- Redução ou aumento de custos médios de produção;
- Aspectos de saúde.

Ao observar de modo conectado elementos culturais, de renda e questões vinculadas ao bem estar, tem-se como exemplo a alteração do cenário internacional em 2018, quando o consumo de carne nos EUA esteve próximo ao seu máximo, ao mesmo

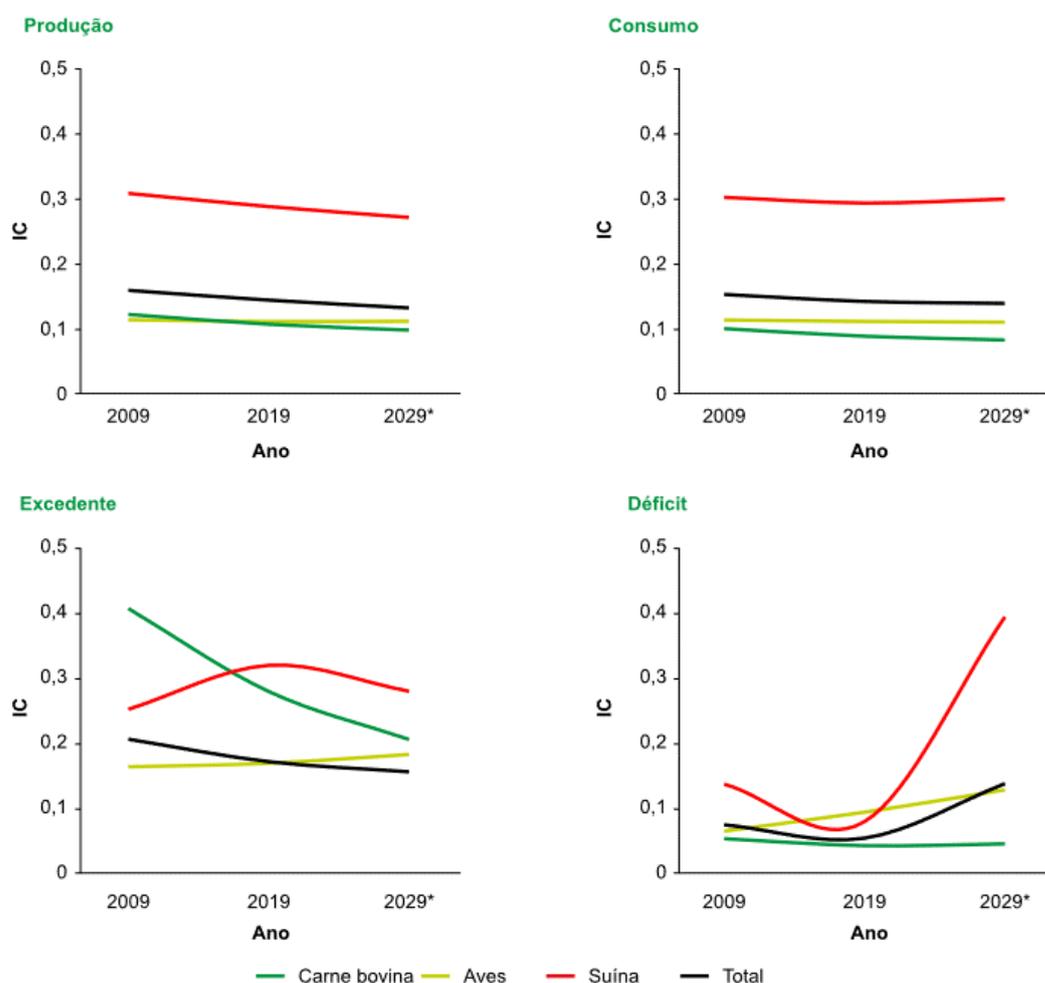
tempo em que na UE, os movimentos contra o consumo de carne cresceram 300%, o que apresenta uma mudança brusca no perfil de consumo (Feddern *et al.*, 2020).

Isso justifica o maior consumo observado nos Estados Unidos em relação à União Europeia (UE), onde um terço dos britânicos afirma ter reduzido o consumo de carne por causa de iniciativas como a Segunda Sem Carne, em que adeptos passam o primeiro dia útil da semana sem consumir o alimento, e a Veganuary, que incentiva ficar um mês sem consumir carne (Vieira *et al.*, 2021, p. 87).

Nesse sentido, Vieira *et al.* (2021) chama a atenção para o surgimento de um mercado de carnes alternativas, também chamada de carne vegetal. Empresas como a Beyond Meat, a Impossible Foods, a Nestlé e a brasileira Marfrig investiram fortemente em linha de hamburguers vegetais. O autor ainda cita como indicativo de provável aumento desse mercado o lançamento de fundos de investimentos dedicados à defesa do meio ambiente e dos direitos dos animais na bolsa de valores de Nova York.

Esse cenário, para o autor, não indica que houve ou haverá um declínio no consumo de carnes tradicionais (aves, bovina e suína), mas apresenta um possível desafio ao mercado de carne animal, visto que deverão ser impostas, paulatinamente, novas regras a esse mercado. Na tabela abaixo, podemos observar índices de concentração da produção, do consumo, do excedente e do déficit da produção mundial de carnes, a partir do ano de 2009, com projeção até o ano de 2029.

Figura 2 - Índice de Concentração mundial da produção, consumo, excedente e déficit de produtos cárneos.



Fonte 1 - Pedro Abel Vieira et al. (2021)

A partir dos dados presentes gráficos anteriores, é possível observar uma mudança na produção de carnes, reduzindo o índice de concentração de 0,16 (2009) para 0,13 em 2019. Vieira *et al.* (2021) elucida que essa modificação diz respeito à problemas sanitários e a produção de 20% na produção de carne suína pela China. A produção, embora desconcentrada, crescia em torno de 2% ao ano, até 2018. O autor destaca que em 2009, a China era responsável pela maior produção de carne, 29%, seguida pelos EUA e EU, ambos com 17% da produção e o Brasil em quarto lugar com 10%, representando juntos, 73% da produção mundial. Percentagem essa que decai em 2019 para o total de 58% da produção total. “É relevante destacar que a liderança da China e a posição da UE

decorrem da participação na produção de carne suína, enquanto EUA e Brasil lideram a produções de carnes bovina e de aves (Vieira *et al.*, 2021, p. 88).

Em termos geopolíticos,

A ascensão econômica de países asiáticos populosos e com baixa capacidade de expandir sua produção agrícola tem indicado que a capacidade de ofertar alimentos será um importante vetor de poder geopolítico, a ser exercido com cautela para não comprometer parcerias potenciais (Vieira *et al.*, 2021, p. 84).

Nesse sentido, frisa-se que a política alimentar adotada por cada país pode gerar consequências imensuráveis em diversos níveis. Vieira *et al.* (2021) recorda que a política de segurança alimentar adotada pela Europa produziu distorções de mercado a nível mundial que chegaram no limite a gerar situações de insegurança alimentar em diversos países. Os autores também salientam a complexa consequência da PL-480, política de ajuda alimentar estadunidense, adotada em 1961, com o intuito de reduzir a fome em países da África. Ao mesmo tempo que essa política contribuiu efetivamente para diminuição da fome, gerou o comprometimento do crescimento da agricultura, que por sua vez, ocasionou a manutenção do potencial de fome e, também, a dependência de intervenções na forma de políticas assistencialistas.

A desconcentração atual da produção em nível mundial tem como causa uma série de fenômenos, dos quais, pode-se citar eventos climáticos extremos nos EUA, UE e Austrália, políticas públicas de países como a Turquia e a Rússia que estabeleceram como estratégico o abastecimento de carne e o crescimento acima da média de países como Vietnã, Canadá, Filipinas, Coreia do Sul, Turquia e África do Sul, como pode-se observar na tabela abaixo:

A previsão é que em 2029, China, EUA, UE e Brasil sejam responsáveis por mais de 65% da produção total de carnes. Contribuindo para o protagonismo de países da América nesse mercado está uma série de restrições ambientais à produção em países da UE e na China, indicando o crescimento de países como Turquia, Rússia e Índia. É possível, também, apontar que o maior crescimento, que chega à casa dos 3% ao ano, assim como a maior desconcentração de produção ocorreu a carne de aves, enquanto a suína e a bovina, acompanhando o crescimento, cresceram com taxa próxima a 1% ao ano. (Vieira *et al.*, 2021).

Tabela 2 - Produção de carnes bovina, de aves e suína e participação no total mundial.

País	Bovina			Aves			Suína			Total			%		
	2009	2019	2029	2009	2019	2029	2009	2019	2029	2009	2019	2029	2009	2019	2029
China	6.282	6.670	7.049	12.245	13.750	14.923	49.328	54.040 <sup>(1)</sup>	58.221	87.835	82.970	80.194	29,4	24,0	25,2
EUA	11.885	12.381	12.940	16.162	19.941	22.694	10.442	12.542	14.081	38.489	44.864	49.716	16,7	17,1	15,8
União Europeia	7.923	7.900	8.078	8.756	12.480	15.244	22.010	23.935	25.561	38.689	44.295	48.883	16,8	16,9	15,4
Brasil	8.935	10.200	12.338	10.980	13.690	17.320	3.130	3.975	4.828	23.045	27.865	34.486	10,0	10,6	10,8
Rússia	1.470	1.369	1.494	2.471	4.671	7.324	1.849	3.321	5.071	5.790	9.361	13.889	2,5	3,6	4,4
Índia	2.950	4.305	5.813	2.550	4.350	6.145	-	-	-	5.500	8.655	11.758	2,4	3,3	3,7
México	1.705	2.030	2.269	2.781	3.600	4.198	1.023	1.408	1.694	5.509	7.038	8.160	2,4	2,7	2,6
Argentina	3.380	3.120	3.070	1.523	2.171	2.658	289	630	960	5.192	5.921	6.688	2,3	2,3	2,1
Vietnam	188	236	271	529	1.025	1.628	2.140	2.811*	3.652	2.857	3.641	5.551	1,2	1,4	1,7
Canadá	1.239	1.340	1.427	1.051	1.330	1.533	1.794	2.020	2.195	4.084	4.690	5.156	1,8	1,8	1,6
Tailândia	-	-	-	1.917	3.300	4.929	-	-	-	1.917	3.300	4.929	0,8	1,3	1,5
Austrália	2.106	2.432	2.677	829	1.227	1.532	324	398	452	3.259	4.057	4.660	1,4	1,5	1,5
Colômbia	810	770	769	1.061	1.761	2.581	171	422	761	2.042	2.953	4.111	0,9	1,1	1,3
Filipinas	193	202	212	1.002	1.450	1.882	1.295	1.585	1.797	2.490	3.237	3.891	1,1	1,2	1,2
Japão	518	471	460	1.515	1.735	1.902	1.310	1.279	1.294	3.343	3.485	3.656	1,5	1,3	1,1
Coreia do Sul	267	288	303	613	942	1.261	1.052	1.364	1.668	1.942	2.592	3.231	0,8	1,0	1,0
Turquia	-	-	-	1.227	2.138	3.213	-	-	-	1.227	2.138	3.213	0,5	0,8	1,0
África do Sul	797	1.019	1.181	1.265	1.455	1.681	181	262	340	2.243	2.736	3.202	1,0	1,0	1,0
Ucrânia	454	360	328	830	1.335	1.830	527	745	956	1.811	2.440	3.114	0,8	0,9	1,0
Malásia	26	27	28	1.021	1.700	2.372	-	-	-	1.047	1.727	2.400	0,5	0,7	0,8
Mundo	56.839	61.675	67.766	73.577	99.039	123.615	99.998	101.969	126.876	230.414	262.683	318.257	-	-	-

Fonte - Pedro Abel Vieira et al. (2021)

Abaixo, na tabela 3, pode-se observar os dados e a projeção de consumo em nível global, no recorte temporal de 2 décadas, até 2029. Pode-se observar uma pequena redução em 2019, fruto de crises sanitárias

Tabela 3 - Consumo de produtos cárneos e participação no total mundial.

País	Bovina			Aves			Suína			Total			%		
	2009	2019	2029	2009	2019	2029	2009	2019	2029	2009	2019	2029	2009	2019	2029
China	6.241	8.826	10.764	12.355	13.902	16.693	49.365	55.295 <sup>(1)</sup>	65.156	67.961	67.594	92.613	29,8	26,2	29,5
EUA	12.233	12.407	12.795	13.131	16.700	19.299	9.013	10.064	10.891	34.377	39.171	42.986	15,1	15,2	13,7
União Europeia	8.288	7.911	7.915	8.717	11.636	13.781	20.741	20.400	20.717	37.746	39.947	42.413	16,6	15,5	13,5
Brasil	7.410	7.929	8.830	7.759	9.865	11.989	2.451	3.116	3.600	17.620	20.910	24.419	7,7	8,1	7,8
Rússia	2.456	1.753	1.519	3.393	4.724	6.013	2.668	3.360	4.064	8.517	9.837	11.595	3,7	3,8	3,7
México	1.972	1.906	1.919	3.266	4.473	5.367	1.518	2.153	2.630	6.756	8.532	9.915	3,0	3,3	3,2
Índia	2.364	2.811	3.140	2.549	4.347	6.140	-	-	-	4.913	7.158	9.280	2,2	2,8	3,0
Japão	1.189	1.319	1.423	2.214	2.801	3.228	2.466	2.714	2.916	5.869	6.834	7.567	2,6	2,7	2,4
Argentina	2.835	2.374	2.456	1.350	2.021	2.537	322	661	976	4.507	5.056	5.969	2,0	2,0	1,9
Vietnam	194	306	395	564	1.195	1.794	2.125	2.811 <sup>(1)</sup>	3.725	2.883	3.921	5.913	1,3	1,5	1,9
Coreia do Sul	505	844	1.180	679	1.060	1.431	1.480	2.011	2.659	2.664	3.915	5.269	1,2	1,5	1,7
Filipinas	310	386	441	1.082	1.816	2.544	1.403	1.806	2.209	2.795	4.008	5.194	1,2	1,6	1,7
Colômbia	705	751	794	1.088	1.871	2.522	180	560	1.028	1.973	3.182	4.343	0,9	1,2	1,4
África do Sul	849	1.013	1.134	1.426	1.889	2.344	204	281	356	2.479	3.183	3.833	1,1	1,2	1,2
Canadá	1.019	1.028	1.057	1.077	1.377	1.596	905	967	1.024	3.001	3.372	3.677	1,3	1,3	1,2
Tailândia	-	-	-	1.537	2.459	3.536	-	-	-	1.537	2.459	3.536	0,7	1,0	1,1
Austrália	774	709	730	807	1.193	1.488	465	634	759	2.046	2.536	2.977	0,9	1,0	0,9
Malásia	169	218	254	1.047	1.755	2.585	-	-	-	1.216	1.973	2.839	0,5	0,8	0,9
Turquia	-	-	-	1.146	1.730	2.414	-	-	-	1.146	1.730	2.414	0,5	0,7	0,8
Egito	535	683	791	726	1.136	1.535	-	-	-	1.261	1.819	2.326	0,6	0,7	0,7
Mundo	55.642	59.731	65.062	72.339	97.125	120.465	99.794	100.904	128.115	227.775	257.760	313.642	-	-	-

Fonte - Pedro Abel Vieira et al. (2021)

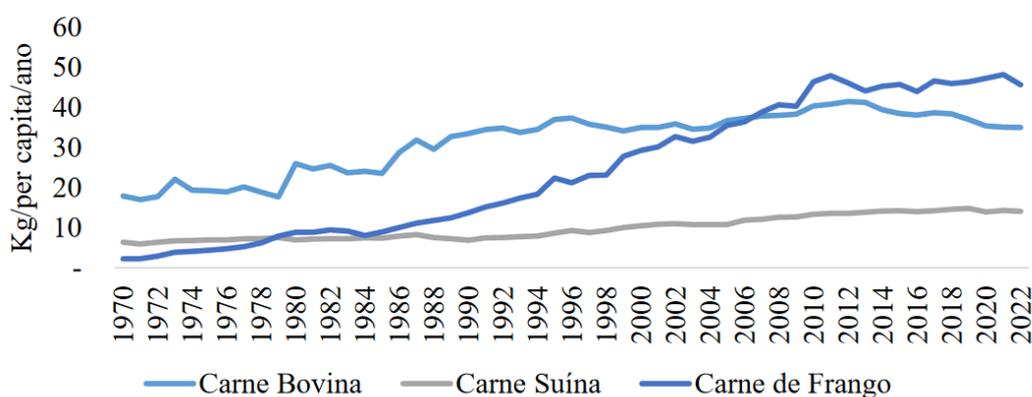
Pode-se observar, nos dados acima, a desaceleração, já citada do consumo de carne na UE, assim como em países como a Venezuela, a Suíça, Azerbaijão e Nova Zelândia. Entretanto, o considerável aumento do consumo nos EUA, na China e no Brasil, somados ao crescimento do consumo no México, Índia, Coreia do Sul, Filipinas, Colômbia, Tailândia, Japão, Malásia e Vietnã conseguiram compensar a redução causada pela mudança de hábitos alimentares nos países anteriormente citados, mantendo a taxa do crescimento do consumo de carne superior à 1%. (Vieira *et al.*, 2021).

Em síntese, o mercado tem evoluído e se moldado a partir de implicações do aumento populacional, da renda, de fatores culturais como as dietas religiosas, os movimentos voltados à preservação ambiental com especial atenção ao bem-estar animal.

Augusto Alves Neto e Geraldo Costa Jr. (2023) apontam que no Brasil, nos últimos 40 anos, houve um crescimento de 220% no consumo de carne. Segundo o autor, esse crescimento está relacionado a três fatores principais: diminuição no preço da carne, aumento da produção e aumento de renda da população. Entretanto, durante o período de 2004 e 2005, houve uma mudança na composição do consumo: a carne de frango passa a ser a mais consumida, seguida pela carne de boi e de porco. Para os autores, “alguns fatores podem explicar tal mudança, como a dinâmica de preços e do poder de compra da população, o grau de substitutibilidade e complementariedade em relação às outras carnes disponíveis na economia, entre outros” (Neto; Costa Jr., 2023, p. 406).

Abaixo, na figura 3, pode-se observar tais dados em uma linha do tempo que abrange o recorte de 1970 a 2022:

Figura 3 - Consumo per capita anual de produtos cárneos.



Fonte - Augusto Alves Neto e Geraldo Costa Jr. (a partir dos dados do IEA - 2022).

Realizando uma revisão de literatura sobre consumo e produção doméstica de carnes, os autores apontam que, no Brasil, apenas a carne bovina de primeira é inelástica ao preço. E, desta forma, as demandas por carne bovina de segunda e suína tendem a ser elásticas em relação à variação de preço. Das duas, a carne suína é a mais sensível ao preço. Os autores apresentam como explicação do fenômeno o alto grau de sua substitutibilidade com outras carnes, como o frango.

Nesse sentido, elucidam que até o ano de 1990, as pesquisas na área consideravam as carnes bovinas, suínas e de frango como substitutas entre si. Quadro que sofre alteração na literatura científica produzida posteriormente, que passa a considerar como elementos de complementaridade alimentos processados.

Neto e Costa Jr. salientam que, em estudo<sup>1</sup> realizado no ano de 2008, Santana e Ribeiro chegaram à conclusão, a partir de uma perspectiva de elasticidade cruzada de demanda, que:

[...] o pescado é complementar à carne de frango e à carne bovina e substituta à carne suína. A carne suína é complementar à carne de frango e independente das demais carnes. A carne de frango é substituta para o pescado e indiferente às outras carnes. Por fim, a carne bovina é indiferente ao pescado e substituta para as outras carnes analisadas (Neto; Costa Junior, 2023, p. 410).

Os autores ainda salientam que, no Brasil, a carne suína pode ser considerada um bem inferior, dado que, como consequência ao aumento de renda da população, ocorre a redução do consumo dessa carne. Abaixo, pode-se observar a série de preços da carne bovina, suína e de frango, no período de 1970 a 2022:

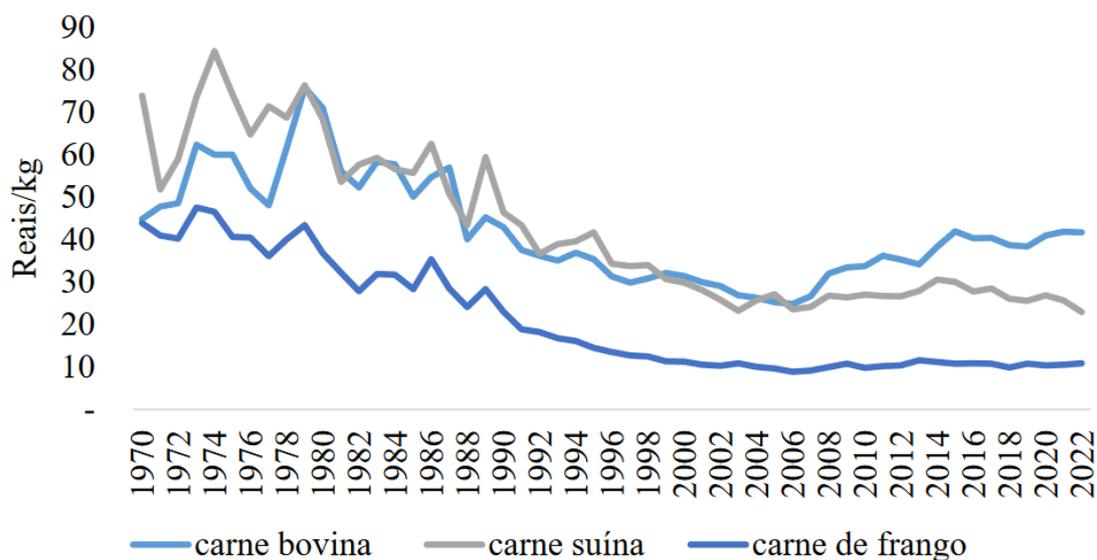
*Tabela 4 - Dados estatísticos da série de preços de produtos cárneos, de 1970 a 2020.*

	<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Amplitude</b>	<b>DP</b>
<b>Carne Bovina</b>	42,28	40,11	24,86	75,85	50,98	12,19
<b>Carne Suína</b>	42,62	34,30	22,95	84,44	61,49	18,08
<b>Carne de Frango</b>	21,16	13,55	8,85	47,57	38,71	12,81

*Fonte 3 - Augusto Alves Neto e Geraldo Costa Jr. (a partir dos dados do IEA - 2022).*

<sup>1</sup> SANTANA, A. C.; RIBEIRO, D. T. Sistema de demanda de carnes no Brasil: modelo de equação aparentemente não-relacionada. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL-SOBER, 46., 2008, Acre. Anais[...].Acre: SOBER, 2008.

Figura 4 - Série de preços de produtos cárneos (em R\$ de dezembro de 2022).



Fonte 4 - Augusto Alves Neto e Geraldo Costa Jr. (a partir dos dados do IEA - 2022).

Tem-se que, dentre os três tipos de carnes analisadas, a de frango manteve historicamente o menor preço, sendo a mais acessível ao consumidor. Já a carne suína e a bovina passam por uma alteração. Até o ano de 1998, a carne suína apresentava o maior preço, quadro que se inverte neste marco, passando para tal posição a carne bovina, que se mantém como a carne de maior preço, dentre as três, até a atualidade. Neto e Costa Jr. (2023) chamam a atenção para o fato de que a partir do ano de 1992, há uma estabilização dos preços, que até então vinham em queda vertiginosa. A explicação deste fato estaria relacionada aos ajustes da moeda, na época, realizados pelo governo de Itamar Franco.

Nesse período analisado, houve o aumento do consumo de carne de frango de 120%, mas é precisamente em 2007 que ela passa a ser a mais consumida no Brasil. Mudança que se dá em virtude do expressivo “aumento da produção deste tipo de carne, sustentado pelas exportações, e também o preço mais acessível, os vários tipos de corte e as diferentes formas de apresentação que facilitam o preparo” (Neto; Costa Júnior, 2023, p. 415).

Quanto a carne bovina, pode-se dizer que ela teve um aumento de consumo de 95%. Entretanto, os autores supracitados chamam a atenção para o fato de que na última década, o aumento acompanhou o aumento populacional. Já o consumo da carne suína sofreu pouquíssima variação, permanecendo entre 5k e 15k per capita anual, tendo, ademais, um crescimento inferior ao populacional.

Dentro do comportamento de consumidores brasileiros, pode-se apontar o consumo de outras carnes, que é consideravelmente inferior, como no caso da carne de caprinos e ovinos. Segundo informações divulgadas pela Embrapa em 2018, o consumo per capita dessas carnes é inferior a 500 gramas/ano. Barros *et al.* (2023) entendem que o baixo consumo ocorre em virtude de problemas na produção e questões culturais. Os autores salientam que, historicamente, a comercialização desses tipos de carne ocorre de modo desorganizado, até mesmo como consequência do abate, que, por vezes, ocorre de forma clandestina e de maneira incorreta. Fatos que agregam ao produto uma imagem de qualidade inferior, influenciando assim na demanda pelos mesmos.

Os baixos níveis de organização na cadeia de produção da caprinovinocultura, refletem nos índices de produtividade, na qualidade dos produtos, devido à falta de regularidade da oferta e principalmente na informalidade da comercialização dos produtos, tendo em vista que o agronegócio da caprinovinocultura, quando comparadas às demais cadeias produtivas, observa-se que ainda tem espaço para melhorar substancialmente a competitividade no setor de produção de proteína animal (Barros *et al.*, 2023, p. 15652)

Os autores salientam que há um destaque no consumo de carne caprina na região do semiárido brasileiro, em que há produção de pratos típicos com as vísceras desses animais e ornamentos com suas peles e chifres. A maior concentração de rebanhos caprinos no Brasil se encontra na região Nordeste e de ovinos, na região Nordeste e Sul.

Segundo Castro Jr. (2017), há poucos anos, em 2014, o Brasil se encontrava na 22ª posição mundial no quesito rebanho caprino, contando, então, com 8.851.879 animais. A China representa 19% da concentração mundial, seguida por Índia, Nigéria, Paquistão e Bangladesh, com 13%, 7%, 6,60% e 5,60% respectivamente. Quanto ao rebanho ovino, nesse ano se contabilizou o total de 1,2 bilhões de animais, tendo o Brasil o 18º maior rebanho. A China aparece em primeiro lugar com 17% do total de animais, seguida por Austrália, Índia, Irã e Nigéria, com 6%, 5%, 4% e 3,40%, respectivamente.

O autor supracitado pondera que:

Os produtos carne e leite desses animais, em particular as suas propriedades proteicas, organolépticas, configuram-se em potenciais substitutos para os mesmos subprodutos bovinos, representando importante fonte de proteínas para grande parcela de pequenos criadores nas regiões Nordeste e Sul do país (Castro Jr., 2017, p. 21).

O consumo médio *per capita* destes produtos cárneos em países de primeiro mundo variam entre 20 a 28kg por ano, enquanto no Brasil, como dito anteriormente, se encontra em torno de 500g. Entretanto, a tendência desse quadro é de mudança positiva,

como sugerem Castro Jr. (2017) e Sanson e Santos (2009), pois o desenvolvimento de práticas de manejo e a adoção de novas tecnologias ocasionaram um aumento da produção o que tem ocasionado a oferta desses produtos em supermercados, açougues e restaurantes de grandes cidades.

Diante do exposto, torna-se evidente que a compreensão das complexidades inerentes ao consumo de carne é indispensável para embasar a formulação de políticas públicas eficazes. Além disso, essa compreensão se revela crucial no âmbito privado, promovendo a otimização estratégica da oferta no setor. À medida que este capítulo do embasamento teórico se encerra, ressalta-se a necessidade premente de uma abordagem abrangente e informada sobre as dinâmicas do consumo de carne, um pilar fundamental para o desenvolvimento de iniciativas que visem não apenas a sustentabilidade do setor, mas também o bem-estar social e ambiental.

#### **4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

A análise detalhada dos dados revela nuances importantes sobre o mercado de carne, tanto em escala nacional quanto global. Inicialmente, é fundamental destacar o papel essencial da pecuária na economia brasileira, evidenciado pelo aumento da representatividade do PIB da pecuária no PIB total do país. Esse crescimento resiliente, mesmo em períodos de turbulência econômica, destaca a relevância estratégica do setor pecuário para a estabilidade econômica e a geração de empregos em várias regiões do Brasil.

A expansão da produção e exportação de carne bovina não apenas satisfaz a demanda interna, mas também consolida a posição do Brasil como um dos principais players no mercado global de proteínas animais. O crescimento econômico em países como a China tem impulsionado o aumento do consumo de carne em escala global. Esse fenômeno é especialmente notável na Ásia, onde o crescimento da renda está diretamente ligado ao aumento da demanda por proteínas animais.

No entanto, além dos fatores econômicos, questões ambientais e de saúde estão desempenhando um papel cada vez mais significativo nas escolhas alimentares dos consumidores. O surgimento de um mercado de carnes alternativas, como a carne vegetal, reflete a crescente conscientização sobre os impactos ambientais e éticos da produção

convencional de carne. Empresas líderes nesse mercado estão investindo em tecnologias inovadoras para oferecer opções de proteínas que sejam sustentáveis, éticas e nutritivas.

A distribuição geográfica da produção de carne ao redor do mundo reflete uma complexa interação de fatores, incluindo condições climáticas, recursos naturais disponíveis e políticas governamentais. Países como os Estados Unidos, o Brasil e a China lideram a produção global de carne, cada um com sua própria especialização em carne bovina, suína ou de aves. Essas diferenças na produção têm implicações significativas para o comércio internacional de carne e para segurança alimentar global.

A análise dos dados também revela mudanças significativas no padrão de consumo de carne no Brasil ao longo das décadas. O aumento do consumo de carne de frango em detrimento de carne suína e bovina reflete não apenas mudanças nos preços e no poder de compra da população, mas também a disponibilidade de produtos e preferências alimentares em evolução.

No que diz respeito ao consumo de outras carnes, como a de caprinos e ovinos, a situação é complexa. Embora essas carnes sejam uma parte importante da dieta em certas regiões do Brasil, o consumo per capita ainda é relativamente baixo em comparação com a carne bovina e de frango. Problemas na produção, comercialização desorganizada e questões culturais têm limitado o potencial dessas carnes no mercado brasileiro.

Em resumo, a análise dos dados oferece *insights* importantes sobre as complexidades do mercado de carne. Abordar esses desafios requer uma abordagem holística que envolva governos, empresas e consumidores na busca por soluções inovadoras e sustentáveis. A compreensão das tendências e padrões no consumo de carne é fundamental para orientar políticas e práticas que promovam o desenvolvimento sustentável do setor e o bem-estar global.

## **5. CONCLUSÃO**

A revisão bibliográfica realizada nessa pesquisa revelou uma interconexão complexa de fatores que influenciam o consumo de carne no Brasil e no mundo. Desde considerações econômicas, como o impacto da pecuária no PIB e na geração de empregos, até preocupações ambientais e de saúde relacionadas à produção convencional de carne, é evidente que o consumo de carne é um tema multifacetado e de grande relevância global.

O crescimento exponencial do consumo de carne, especialmente em países em desenvolvimento, como Brasil, reflete não apenas mudanças nos padrões de renda e nas preferências alimentares, mas também a influência de fatores culturais e sociais. Ao mesmo tempo, a emergência de alternativas à carne convencional, como as proteínas vegetais, destaca a crescente conscientização sobre questões éticas, ambientais e de saúde associadas ao consumo de carne animal.

É necessário, portanto, levando-se também em consideração as dinâmicas e desafios do setor em uma perspectiva internacional e geopolítica, reconhecer a necessidade de uma abordagem que seja integrada e colaborativa, com vistas a enfrentar as questões emergentes no que diz respeito ao consumo e produção de carne, tendo como horizonte a garantia de um futuro mais resiliente e equitativo para todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, I. *et al.* Análise do consumidor de produtos e subprodutos caprinos e ovinos na cidade de Parnamirim – PE. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 9, n.5, p. 15649-15670, 2023.

CASTRO JR., A. *Perfil do consumidor de carne caprina e ovina na região metropolitana de Recife*. 74 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2017.

ESTIMA, C.; PHILIPPI, S.; ALVARENGA, M. Fatores determinantes de consumo alimentar: por que os indivíduos comem o que comem? *Revista Brasileira de Nutrição Clínica*, v. 24, n. 1, p.263-268, 2009

FEDDERN, V. *et al.* Biocarnes: uma solução de futuro? *Setor Agro e Negócios*, 22 jan. 2020. Disponível em: <http://www.setoragroenegocios.com.br/editorias/biocarnes-uma-solucao-de-futuro> . Acessado em: 25 de novembro de 2023.

MALAFAIA, G. *et al.* *Cadeia produtiva da carne bovina: contexto e desafios futuros*. Campo Grande: EMBRAPA, 2021.

NETO, A.; COSTA JR., G. Demanda por carnes no Brasil: uma análise do consumo das famílias brasileiras entre 1970 e 2022. *Eco. Reg.*, Londrina (Pr), v.11, n.3, p.405-423, 2023.

SANSON, R.; SANTOS, S. *Qualidade e consumo de carne caprina no Nordeste brasileiro*. Farmapoint, 2009.

VIEIRA, P. *et al.* Geopolítica das carnes: mudanças na produção e consumo. *Revista de Política Agrícola*, v. 30, n. 2, p. 83-105, 2021.